

Nota de Abertura

Na sua obra escrita em 1953, *Fahrenheit 451*, Ray Bradbury mostra ao leitor uma sociedade onde os livros são eliminados pelo fogo e da morte deste resulta uma vida desenvolvida sem memória, uma sociedade onde cada um se desconhece a si e desconhece o outro como profundamente humano, não tendo nada para dizer, a si e ao outro.

Estudando esta obra distópica, Joaquim Machado de Araújo e José Pedro Amorim destacam o contributo do seu autor para a análise crítica dos processos de destruição da leitura, nomeadamente os processos censórios que retiram os livros de circulação e os aniquilam, mas centram-se sobretudo no debate sobre os processos escolares e os circuitos de informação e comunicação e a respectiva influência no fenómeno de esvaziamento da leitura e na alienação das pessoas. Salientam, ainda, que à denúncia do autor subjaz uma conceção de sociedade onde a felicidade coletiva está relacionada com a formação do homem, onde os livros assumem importante papel, quer porque eles dão conta de vida, a vida do seu autor e a vida da ação narrada, a que acresce o sentido encontrado pelo leitor no diálogo que com eles estabelece. Neste primeiro ensaio, os autores sustentam a perspectiva de que os livros têm importante papel no processo de formação da pessoa, mas também da cidade e do cidadão, porquanto é necessária a memória para a construção da identidade e da felicidade, seja na dimensão individual seja na dimensão coletiva. A memória de que os livros são repositório e a memória que as pessoas desenvolve, mas sobretudo, como pretende *Fahrenheit 451*, a memória que cada pessoa é, quando ela mesma é um livro vivente.

No segundo ensaio, Alberto Filipe Araújo e Armando Rui Guimarães advogam um modelo educativo que comporte os valores fundadores e fundamentadores da civilização ocidental, nomeadamente a prática democrática, a liberdade individual e a responsabilização cívica, mas também uma perspectiva de “educação liberal” e de “cidade educativa”.

Segundo os autores, tal modelo implica “regressar aos Gregos para recuperar a Polis”. Contudo, o regresso aos Gregos não é de sentido único, como evidenciam na sua reflexão crítica sobre o espaço escolar, enquanto potenciador e proporcionador de uma Educação para a Cidadania, a ponto de considerarem como colapso a “educação para a cidadania” que atualmente se desenvolve, seja no espaço escolar seja no contexto político.

Fernando Azevedo e Susana Certo, no terceiro ensaio, analisam algumas das obras da escritora Ana Saldanha, publicadas na coleção “Era uma vez...Outra vez” da Editorial Caminho, sublinhando os processos de inovação semântica e de recontextualização que a escritora aporta à voz da memória da tradição literária. Partindo das linhas ideotemáticas dos textos clássicos dos Irmãos Grimm e dos contos de Hans Christian Andersen, a imaginação criativa da autora filtra, num novo olhar plural, em efeito caleidoscópico, personagens, espaços, ambientes, temáticas e valores, apresentando, aos seus leitores contemporâneos, uma outra realidade que, mantendo indiscutíveis traços de diálogo intertextual com os textos do passado, se aproxima das vivências quotidianas de uma potencial entidade receptora juvenil. O ensaio mostra igualmente que a escrita de Ana Saldanha contribui para a formação do jovem, educando-o para a diversidade, para o relacionamento com o Outro, para uma integração consciente na realidade circundante e no mundo, promovendo a sua identidade enquanto cidadão civicamente responsável.

No quarto ensaio, Luzia Enéas e Fernando Azevedo refletem sobre os lugares e os gestos de dois álbuns narrativos no desenvolvimento literário e literário da criança. O ensaio mostra que estes álbuns narrativos, consagrados ao tratamento da alteridade, se encontram imbuídos de valores ideológicos relevantes nas comunidades interpretativas e que os mesmos podem, pela sua dimensão formativa, auxiliar na construção de uma sociedade mais solidária e inclusiva.

No quinto ensaio, Ângela Balça aborda as questões da identidade e da alteridade nas obras para crianças, realçando a natureza ideológica de que as mesmas, por vezes, se revestem. Neste contexto, a autora analisa a obra *Ser Português é...*, de Ana Luísa Carapinheiro e Tânia Bailão Lopes, a qual, enfatizando determinados caminhos, repletos de silêncios e de invisibilidades, exigem a presença de um mediador de leitura capaz de desocultar o que está invisível, de desmistificar o que está à vista e de auxiliar a criança na construção de uma leitura da realidade menos marcada por certas formas estereotipadas de olhar o mundo.

Os ensaios que aqui são, pela primeira vez, apresentados ao leitor em forma escrita abordam questões pertinentes para o educador: o papel da memória cultural, a relevância do texto enquanto suporte para a recuperação de um fio condutor da nossa existência, a cidadania e a alteridade.

Esta obra entrecruza a literatura e a educação. A literatura entendida como conjunto de textos do domínio ficcional que, interrogando o mundo, auxilia o leitor a posicionar-se e a interpretar os seus lugares aqui e agora. A educação entendida como conjunto de saberes, práticas e axiomas que, ajudando o sujeito a pensar o mundo, contribuem para que ele possa crescer e desenvolver-se na plenitude e pluralidade das suas dimensões humanas.

Esperamos que este conjunto de ensaios seja uma leitura agradável e profícua, capaz de sugerir, pelo entrecruzar de pontos de vista e argumentações, uma reflexão lata sobre os lugares da

memória e da cultura na formação do sujeito e na construção de uma *polis* onde haja lugar para o desenvolvimento integral da pessoa humana.

Fernando Azevedo
Alberto Filipe Araújo
Joaquim Machado de Araújo